



O Serviço de Apoio e Mediação Escolar, vulgo SAME, da Escola Secundária de São Pedro de Vila Real conta ainda com uma breve história da sua existência. Esta valência surgiu no ano letivo de 2019/2020 como, inicialmente, um *upgrade* do extinto GAA, Gabinete de Apoio ao Aluno. Como o próprio nome indica, o âmbito da ação do SAME é muito mais abrangente do que a do seu antecessor. Deste modo, a equipa deste gabinete tem tentado ao longo destes quase dois anos de funcionamento dar uma resposta eficaz e imediata a toda e qualquer solicitação de todos os intervenientes da comunidade escolar. É um facto que, na sua génese, a equipa orientou a sua ação, essencialmente, no sentido de acolher os alunos oriundos das salas de aulas e encaminhados pelos senhores professores, sempre que manifestavam um comportamento desadequado e que infringia as regras do Regulamento Interno da Escola. Sempre que algum aluno aparecia no gabinete do SAME acompanhado por um Assistente Operacional, era de imediato contactado, via telefone ou *email*, o seu Encarregado de Educação, que ficava de imediato a par da ocorrência relativa ao seu educando. O conteúdo deste contacto baseava-se nas declarações registadas nos documentos estruturantes desta valência: A Participação Sumária da Ocorrência preenchida pelo docente da disciplina onde a situação tinha ocorrido e a Ficha de Intervenção Comportamental, na qual o aluno em questão, descreve o que, na sua perspetiva, aconteceu. Este procedimento continua a vigorar atualmente. De seguida o elemento do SAME que recebe o aluno e toma conta da ocorrência, de uma maneira geral, leva o aluno a fazer uma auto-reflexão, no sentido, do aluno se consciencializar da sua responsabilidade no ocorrido. Ora, existe aqui uma diferença relativamente a esta assunção de culpa ou responsabilidade. Efeito psicológico ou não do anterior confinamento e da atual situação de pandemia causada pelo vírus SARS-2, a verdade é que, cada vez menos, o aluno assume a sua responsabilidade na situação que o levou a ter ordem de saída da sala de aula. Neste ponto, poder-se-iam invocar razões de ordem psicológica nesta alteração de comportamento. Terão as relações familiares decorrentes da atual situação pandémica alterado o modo como os discentes encaram a noção de comportamento saudável dentro de uma sala de aula? Estarão eles cansados de estar confinados em casa e sem possibilidade de se expressarem com os seus pares e olham para a autoridade dos adultos como algo que os impede de serem eles próprios? Estaremos todos com menos paciência para estarmos fechados entre quatro paredes e descontamos as nossas frustrações no alvo mais próximo? Serão questões sobre as quais a Sociologia ou a Psicologia poderão debruçar-se e tentar responder. Mas continuemos na nossa avaliação de como evoluiu a atuação do SAME e os seus dados estatísticos. Deste modo, e tendo como base de análise

os dados relativos às ocorrências do ano anterior, podemos tirar algumas conclusões. Em primeiro lugar e se analisarmos o número de ocorrências do primeiro trimestre do ano de 2019/2020 e o primeiro trimestre do ano letivo de 2020.2021, temos assim setenta e quatro contra cinquenta e sete ocorrências. Estas ocorrências distribuíram-se por cinquenta e oito por cento no ensino básico contra quarenta e dois por cento no ensino secundário no ano letivo de 2019/2020, curiosamente as mesmas percentagens verificadas no ano letivo de 2020.2021. No entanto e contrariamente aos dados do ano transato, é de realçar a elevada percentagem de ocorrências, setenta por cento em turmas do décimo segundo ano em comparação com os sete por cento em turmas do mesmo ano do ano passado. Desta análise, parece verificar-se que os alunos que estavam habituados, em situação não COVID, a sair nos seus tempos livres, manifestam comportamentos mais desadequados dentro da escola. A verdade é que há cada vez mais alunos a infringirem as novas regras extraordinárias advindas do plano de contingência da escola, uma vez que, tanto alguns alunos do ensino básico, como alguns alunos do ensino secundário, tentam sair do recinto escolar, quer nos intervalos, quer em situação de falta de algum docente. Esta situação pode ter sido inflacionada com o aumento de docentes a faltar por motivos relacionados com a pandemia e por consequência mais aulas de substituição, logo mais perturbações no normal decorrer das atividades letivas. Tudo isto tem provocado, de igual modo, maneiras diferentes de adaptação e reação às novas vicissitudes do ambiente escolar. Isto vale para todos os intervenientes da comunidade escolar. Deste modo, verificamos alunos a invocarem que os motivos que os levaram a ser encaminhados para o gabinete do SAME serem os seguintes: “ O professor não gosta de mim”, “ O professor foi injusto”, “ Estávamos em aula de substituição e como não estávamos a dar matéria, achei que podia usar o telemóvel”; outros motivos prendem-se com toda a ambiência decorrente desta nova realidade: “O aluno retirou a máscara”, “ O aluno atirou o seu gel desinfetante para o colega”, “ O aluno levantou-se e foi mostrar a sua ficha ao colega”, “ O aluno colocou gel desinfetante na cadeira do professor”, “ O aluno estava a comer no intervalo e não guardou a distância social obrigatória”, “ O aluno demorou mais de 10 minutos a beber um sumo e por isso esteve esse tempo todo sem máscara”. E para comprovar que, de facto, a realidade escolar mudou em paralelo com a realidade social, o que é normal, sendo a Escola uma instituição que vive inserida numa sociedade, que reproduz os valores dessa mesma sociedade e o facto de sermos seres essencialmente sociais, verificamos ocorrências em que os alunos saíram da sala de aula para participarem dos docentes. Os alunos, quiçá cansados de terem passado muito tempo sob orientação e supervisão parental, demonstram estar menos recetivos a regras oriundas de adultos e questionam oficialmente a autoridade dos seus professores, bem como dos assistentes operacionais da escola. Um outro aspeto que viu o seu número de ocorrências a ser aumentado, relativamente à escola antes e pós pandemia, foi a agressividade entre alunos, essencialmente verificada nos intervalos e comunicada pelos Assistentes Operacionais. Os alunos têm alguma resistência

em respeitar o plano de contingência vigente, já que não estão habituados a caminharem em fila, a usar máscara e a respeitar o distanciamento social. Apesar da ‘generation gap’ (conflito de gerações) ser transversal a todos os tempos, somos obrigados, atualmente, a conviver com esta ‘touch gap’ (ausência de toque). Estamos a ser desafiados a viver segundo hábitos diferentes, mas como seres humanos venceremos a batalha invisível e manteremos a característica que nos diferencia...A adaptabilidade do ser humano a qualquer contingência ou conjectura.

Para além deste aspeto, o âmbito de apoio deste gabinete mudou, pois que enquanto inicialmente o gabinete surgiu mais direcionado para a mediação de conflitos professor – aluno, este ano letivo o gabinete do SAME está aberto e apoia toda a comunidade escolar. Deste modo, para além de a equipa receber e acolher os alunos provenientes da sala de aula, as portas estão igualmente abertas para ajudar todo e qualquer elemento da comunidade educativa. Assim, e fruto do atual cenário de pandemia COVID, o SAME tem recebido vários alunos para realizarem os seus testes de avaliação escritos, em virtude desses mesmos alunos ou terem estado em quarentena em isolamento profilático, ou eles próprios terem sido infetados pelo referido vírus. Sempre que é necessário o SAME fotocopia documentos de trabalho para os professores. Desde o início do ano letivo todos os alunos que necessitam de manuais para as suas aulas ou mesmo para mudança de curso têm feito essa requisição no gabinete do SAME. Foram realizados contactos telefónicos com os Encarregados de Educação de alunos do 10º, 11º e 12º anos com escalão A e B e respetiva entrega de computadores ao abrigo do Programa de Escola Digital. Foram também contactados via telefone e recebidos os Encarregados de Educação para assinatura dos Relatórios Técnico- Pedagógicos de alunos cujo Diretor de Turma se encontrava em isolamento profilático. Parece que de repente e talvez fruto de todo o tempo de confinamento e conseqüente reflexão interna, tomámos consciência que todos somos unos e por isso temos os mesmos direitos e deveres e do mesmo modo que queremos ser respeitados, devemos respeitar. É com base nestes princípios que assenta o meio de agir desta equipa e que se tem mantido desde o seu nascimento e que, tal como qualquer organismo em crescimento, vai fazendo adaptações que resultem num melhoramento da sua atuação. A porta do SAME está aberta para ajudar a solucionar qualquer desafio ou situação que envolva a comunidade escolar para que todos nos sintamos bem acolhidos nesta instituição onde todos passamos grande parte das nossas vidas. Com tudo isto, queremos dizer que o bebé SAME está a transformar-se num adolescente consciente que quer abrir asas e o seu âmbito de ação para estar ao serviço de todos e para todos, para o Bem Maior de todos, de modo a chegar à idade adulta pleno e consciente.

A Coordenadora do SAME

Helena Vaz